

O TRABALHADOR QUE QUEREMOS: saberes necessários para a formação de trabalhadores

THE WORKER WE WANT: knowledge necessary for the training of workers

Alexandre Geraldo Viana Faria¹ - IFMS

RESUMO

A Educação Profissional tem como objetivo primordial a formação de trabalhadores, mas para isso é necessário que se tenha definido qual o trabalhador que se quer formar. Neste aspecto são abordados aqui, os quesitos necessários para que esse trabalhador possa obter o pleno domínio sobre o seu trabalho. São discutidas as representações mentais do trabalho, necessárias à formação de um trabalhador com adequado preparo na execução deste trabalho. Tendo como base inicial as orientações de Saviani (1991), são apresentadas a ideia de conhecimento das propriedades do mundo real, as questões que implicam na valorização deste mundo real e as suas simbologias próprias. Estes aspectos foram analisados, descritos e ampliados e proposto, ao conjunto de representações mentais do mundo real, a inclusão de outras duas representações, a inovação no trabalho e a gestão do trabalho a ser executado. Tendo estas representações como parâmetro formativo necessário ao trabalhador são discutidos os diferentes domínios que este trabalhador poderia apresentar e proposto qual domínio que se deve almejar.

PALAVRAS-CHAVE: Formação do trabalhador; educação profissional; mundo do trabalho.

ABSTRACT

Professional Education has as main objective the training of workers, but for that it is necessary to have defined which worker is to be trained. In this regard, to understand the profile of this worker that is desired, the necessary requirements are addressed so that this worker can obtain full control over his work. Aiming at this condition, there are the mental representations of the work, necessary for the training of a worker with adequate preparation in the execution of this work. Supported by Historical-Critical Pedagogy, the idea of science of work, the art of work and the work ethic and its execution are presented, which sought to deepen and expand its assumptions. As a contribution to the process of building this pedagogy, the inclusion of two other representations, innovation in work and management of the work to be performed, is proposed to the set of mental representations. Having these representations as a necessary training parameter for the worker, the different domains that this worker could present and which domain should be aimed at the worker are discussed.

KEYWORDS: Worker training; professional education; world of work.

DOI: 10.21920/recei72021722252268
<http://dx.doi.org/10.21920/recei72021722252268>

¹Doutor em Ensino de Ciência pelo PPEC/UFMS. Professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul. E-mail: alexandre.faria@ifms.edu.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8369-6266>.

INTRODUÇÃO

A Educação Profissional sempre foi caracterizada pelo ‘fazer’, e esteve marcada pela participação de professores leigos, ou seja, professores técnicos sem o preparo em licenciaturas. Mesmo as licenciaturas, em sua maioria (FARIA; RECENA, 2020), não depreenderam atenção aos aspectos específicos dessa modalidade de ensino. A formação de trabalhadores no Brasil historicamente tem negligenciado aspectos didáticos, pedagógicos e metodológicos tão necessários no processo de construção de conhecimentos e técnicas.

Iniciativas para a mudança dessa realidade vêm sendo implementadas cada vez mais, porém, ainda sem preocupações com a forma, o ritmo e a sistematização (PACHECO, 2011). Este autor, discutindo questões sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), aponta a necessidade de reestruturação curricular e a necessidade de formação de professores com o conteúdo específico para a capacitação de trabalhadores: “A formação pedagógica dos profissionais que atuam ou atuarão como professores do conteúdo específico da EPT exige, em primeiro lugar, o comprometimento das instituições formadoras com o fortalecimento de uma cultura do valor do trabalho educativo [...]” (PACHECO, 2011, p. 42).

É importante observarmos que a formação de trabalhadores pressupõe a necessidade de se primeiro definir o perfil do trabalhador ao qual se deve direcionar essa formação. A EPT obviamente deverá ter como objetivo a formação de trabalhadores, porém é necessário que se defina qual trabalhador se quer formar antes de iniciada a sua formação. Nesse sentido tem-se a necessidade de investigar os saberes necessários para a formação de trabalhadores para o perfeito domínio de seu trabalho.

Para abarcar questões envolvidas nessa discussão, inicialmente este artigo traz uma ampla discussão sobre o trabalho como quesito primordial na formação do homem. Na sequência são propostos os possíveis domínios do trabalhador que demonstram o processo de construção do que se objetiva com a EPT, ou seja, o trabalhador de pleno domínio de seu trabalho. Em seguida são mostradas as proposições de Saviani (1991), quanto as categorias de trabalho e as suas representações mentais que, aqui, foram apresentadas, modificadas e ampliadas. Nas últimas considerações alguns dos aspectos discutidos no texto são organizados de forma a indicar possibilidades de se modificar a atual realidade da formação, objetivando o trabalhador de pleno domínio de seu trabalho.

O TRABALHO NA FORMAÇÃO DO HOMEM

Várias são as tentativas de se justificar a existência humana por meio do desenvolvimento e adaptação do corpo do homem. O polegar opositor como característica necessária ao fabrico de ferramentas (MACRI; PSICIOTTA, 2010); o fato de andar sobre dois pés tendo assim as mãos livres para carregar a cria nos braços (AMARAL, 2013); a diversificação da alimentação e o acesso direto a proteínas (COSTA, 2009); o aumento da caixa craniana permitindo o desenvolvimento cerebral; a formação de um aparato vocal elaborado e a comunicação (MINHÓS, 2016); entre outras. Todas essas características, que foram herdadas ao longo da evolução de nossa espécie, somadas ou isoladas, certamente contribuíram para a formação do que hoje somos. Essas são características internas, ou seja, o próprio corpo tratou de produzi-las. Porém, podemos considerar também a existência de características externas, as que são alheias

ao desenvolvimento do corpo. Dentre essas, a que julgamos de maior grau de interferência na formação do homem é, sem dúvida, o trabalho.

No processo evolutivo que formou a nossa espécie, inicialmente vivíamos em árvores e nos ocupávamos da coleta de frutos, raízes e grãos como meio de sobrevivência. Para aumentar as possibilidades de sobrevivência, o homem tratou da produção dos meios que permitiriam isso, ou seja, começou a interferir na natureza como forma de aumentar o acesso aos bens materiais, o que chamamos de trabalho: “Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza” (MARX, 1996a. p. 297).

Nesse início, a transformação material que mais ampliou nossas possibilidades de sobrevivência, permitindo apanhar maior quantidade de alimento, foi a confecção de receptáculos com folhas e freixos, um salto importante em direção à maior capacidade de coleta de alimentos. Com o domínio do fogo, outra grande novidade, nossas possibilidades alimentares se ampliam, pois passamos a incluir animais aquáticos e terrestres, agora possível graças ao processo de cozimento, tendo acesso direto à proteína. Com este novo hábito alimentar, o homem pôde se dispersar cada vez mais pela superfície do planeta. Construímos instrumentos de pedra necessários para o abate e o corte de presas. Com novos lugares sendo conquistados, novos alimentos passam a ser usados, passa-se a ter a produção de farináceos produzidos em fogões rudimentares construídos em buracos no chão. Novas ferramentas já são possíveis, como a cachorro e o pique, nossas primeiras armas de defesa. Desta feita passamos a ser caçadores mais eficientes e, com a invenção do arco e da flecha, a proteína passa a ser um alimento cada vez mais consuetudinário.

Arquear a madeira com uma corda, fixar uma seta afiada, feita de pedra ou osso, na ponta de uma haste de madeira já constituíam, em si, um acúmulo bastante complexo de informações, pressupondo uma larga experiência acumulada e faculdades mentais evoluídas. Na sequência temos a produção de utensílios de madeira, de junco ou de cortiça, que permitiram um melhor armazenamento de alimentos e, posteriormente, a fixação em um lugar com a consequente formação de aldeias. Logo temos a construção de casas para o abrigo, o represamento de riachos para acesso ininterrupto à água, o polimento de pedras para a feitura de instrumentos de corte mais eficientes, o domínio do fabrico cerâmico, a agricultura, a domesticação de animais, a irrigação, a transformação dos metais, e tantos outros aperfeiçoamentos de técnicas que se sucederam com o passar do tempo. O trabalho cada vez mais se diversifica. O homem cada vez mais intervém na natureza procurando provir suas necessidades materiais. O homem cada vez mais se humaniza.

Friedrich Engels escreveu em 1876 sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. Trata-se de um ensaio, preparado para uma obra maior que acabou não sendo produzida, que foi publicado cerca de vinte anos após escrito, fortemente influenciado pela teoria darwinista, em que ele tenta demonstrar, sob uma perspectiva histórica, a diferença do homem e seus ancestrais primatas. Engels considera que eretizar sua postura, modificar as funções da mão em relação às dos pés e as consequências de seu gênero de vida foram fatos que marcaram a transição do macaco ao homem, permitindo que a espécie pudesse interferir na natureza, transformando-a e adaptando-a às suas necessidades, não mais dependendo da realidade natural para a garantia de sua existência, como ocorre com os demais animais. E é justamente essa capacidade de interferência na natureza, provendo suas necessidades, que Engels chamou de Trabalho, afirmando que isso “[...] é a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem (ENGELS, 2005, p. 4).

Na perspectiva engelsiana, podemos considerar então que o homem como criatura do trabalho necessita dominá-lo em toda a sua plenitude. Considerando que é o trabalho que nos diferencia dos outros animais, então seria justamente o completo domínio desse trabalho que nos humanizaria cada vez mais. Entendendo que o trabalho cria o homem, já que é por ele que as condições humanas são criadas, é através do trabalho que é posto um conjunto de características que compõem a cultura, sociedade e intelectualidade. Quanto mais o domínio sob o trabalho se estabelece, mais culto, sociável e intelectualizado o homem se edifica. Conhecer o trabalho em suas diferentes dimensões pode permitir a sua completa apropriação e conseqüentemente a formação do homem pleno. Entendemos que este seria o homem possuidor de um completo domínio sob o seu trabalho, uma vez que a plenitude se estabeleceria na completude de seu processo de humanização.

OS TRABALHADORES E SEUS DOMÍNIOS

O trabalho é a ação do homem sob a natureza, na tentativa de modificá-la em atendimento às suas necessidades. Conforme essa ação se intensifica, mais e mais o homem se apropria das técnicas que envolvem o executar do trabalho, ou seja, mais o homem se humaniza e se torna 'trabalhador'. Para que as tarefas executadas no processo do trabalho sejam eficientes, necessitamos de trabalhadores que dominem eficientemente o seu trabalho. É necessário, então, uma vez que o homem não nasce com a plena erudição de seu trabalho, formar trabalhadores que dominem de forma ampla a natureza de seu trabalho. Nesse aspecto propomos cinco tipos de trabalhadores em função dos domínios da natureza do trabalho, que poderiam ser formados considerando os enfoques dados no momento de sua formação e as diferentes etapas construtivas desse decurso.

O trabalhador de domínio apedêutico

Considerando que o homem interfere na natureza buscando bens materiais, interferir de forma cada vez mais eficiente faz com que o homem prolongue a sua existência, pois permite uma sobrevivência mais longa, ou seja, a eficiência no trabalho aumenta a nossa capacidade de sobrevivência e, portanto, nos faz envelhecer. Certamente em busca dessa eficiência, no cumprimento de tarefas, o homem se entrega a tentativas de acertos, que em muitas vezes produz erros. Esse simples executar de tarefas, consequência do senso comum, é carregado da opinião sem a preocupação com a falha, é desguarnecido da instrução, desprovido de conhecimento, não busca coerência e sentido, está fadado ao engano. Esse é o executor que chamaremos aqui de trabalhador de domínio apedêutico.

O apedeuta é aquele que ignora, não possui instrução, não recebeu educação formal, é a pessoa inculta, sem o devido preparo para a ação. Quando consideramos o trabalhador de domínio apedêutico, estamos nos apropriando das definições da palavra apedeuta e nos atendo a real capacidade desse trabalhador de desenvolver o trabalho ao qual foi designado. Importante lembrar que em sua gênese todo trabalho é constituído por trabalhador de domínio apedêutico, uma vez que ao ser iniciada uma nova modalidade de trabalho, é normal que se tenha total desconhecimento de suas especificidades, o que nos obriga a tentativas de descobri-las. Portanto, inicialmente somos completamente néscios nesse trabalho.

Podemos exemplificar com os primeiros trabalhadores da produção cerâmica, a mais antiga das indústrias (CHAVARRIA, 2004), que certamente foram forçados pela simples

percepção de que o barro endurecido pelo fogo poderia ser aproveitado e desse processo casual surge, à base de muito erro, a produção ceramista. Os primeiros homens a produzirem cerâmica certamente a produziram sem o completo conhecimento do que desenvolviam, ou seja, executavam como um trabalhador cerâmico apedêutico. Obviamente que se manter sob esse domínio é permanecer na incompetência, portanto, o ideal seria uma melhoria na formação desse trabalhador.

O trabalhador de domínio propedêutico

A etapa inicial e preparatória de uma ação é conhecida como propedêutica, e é assim que é designada a fase que antecede os cursos superiores ou de especialização. Desta forma, considerando o termo propedêutica, bem como a necessidade de formação do trabalhador, propomos a ideia de trabalhador de domínio propedêutico. Como já enfatizamos que a eficiência no trabalho produz, a nós, uma existência cada vez mais longa, temos nesse caso o, cada vez menos raro, envelhecimento do homem. Envelhecer traz o acúmulo de conhecimentos já medidos, ou seja, conhecimentos testados e associados a acertos, o que em outras palavras podemos dizer: o envelhecimento traz a sabedoria. Esse conhecer acumulado passa a ser um importante quesito, pois são capazes de evitar os erros cometidos pelo desconhecimento inerente ao trabalhador de domínio apedêutico.

Na eficiente execução do trabalho, o repasse de informações básicas passa a ser imprescindível. O trabalho a ser exercido necessita agora de uma base inicial de conhecimentos. Passamos assim a ter o que caracterizaria o trabalhador de domínio propedêutico.

Considerando nosso exemplo, da indústria ceramista, o trabalhador que é informado e/ou se informa sobre qual tipo de barro que deverá usar, qual madeira queimará produzindo a temperatura mais adequada, por quanto tempo deve-se deixar o barro à queima e outras informações mais, está tendo contato com as bases iniciais necessárias ao trabalho que executará. Esse é o trabalhador que iniciou a sua preparação para o desempenho de seu trabalho e por isso está melhor posicionado na hierarquia da eficiência, quando comparado àquele cujo preparo inicial não ocorreu. Desta feita, o trabalhador de domínio propedêutico, que se encontra melhor preparado para a execução do trabalho a que se propõe, ainda está exposto aos erros por ainda não ter testado os conhecimentos que adquiriu, ou por não ter compreendido completamente esses conhecimentos.

O trabalhador de domínio praxissístico

Obviamente que os conhecimentos básicos, sobre os processos envolvidos no exercer do trabalho, permitem, ao executor, a diminuição dos erros, porém, não necessariamente a sua total supressão. Isso nos leva à ideia de que o trabalhador de domínio propedêutico não é capaz de se desvencilhar de toda a apedêutica do trabalho, o que ainda está sujeito a falhas. Isso seria amenizado com o tempo despendido no desempenho do trabalho, ou seja, com a experiência. Quando aliamos as bases teóricas e a experiência da execução, temos o que é chamado de práxis, e é a isso que nos reportamos quando propomos a ideia de trabalhador de domínio praxissístico.

Para se evitar as falhas na efetuação do trabalho, o jovem homem, aprendiz de seu trabalho, recorre aos mais experientes e seu acúmulo de conhecimentos. Essa troca, em seus primórdios, era estabelecida oralmente - o que não permite a filologia completa do processo, porém, em certo grau, possibilita a melhoria da eficiência pela ação assistida, ou seja, o mais experiente demonstra e supervisiona a ação do aprendiz que, por sua vez, recorre aos

conhecimentos dos experientes sempre que julgar necessário. Essa constante troca, embrião do sistema educativo, cria uma ordem mecanicista própria em que o executor aplica as informações recebidas durante o próprio executar. Nesse caso temos a formação do trabalhador de domínio praxissístico.

Esse é o trabalhador calcado no fazer e acompanhado da base primordial necessária a esse fazer. Esse trabalhador não estaria isento do erro apedêutico e não seria capaz de, sozinho, ter toda a propedêutica necessária, porém seria um trabalhador melhor dimensionado no mundo do trabalho. O nosso trabalhador cerâmico, que estamos aqui usando como exemplo, teria sua eficiência melhorada pela supervisão de um trabalhador dessa indústria que já detivesse tempo na execução de suas tarefas. Portanto, consideramos que, para formar o trabalhador detentor desse domínio, é necessário que sejam aplicadas práticas assistidas às bases do trabalho.

O trabalhador de domínio epistêmico

Se entendermos epistemologia como a teoria do pensamento, a reflexão sobre a natureza e o estudo sobre o conhecimento humano, se a considerarmos a ciência daquilo que se sabe, podemos, assim, propor a ideia de trabalhador de domínio epistêmico. Quanto mais se busca a melhoria na eficiência do trabalho, mais o trabalho passa a ser objeto de estudo, e estudar o trabalho permite conhecê-lo mais, e cada vez mais nos humanizamos com isso. Ao se estudar o trabalho que se pretende realizar, somos capazes de adquirir uma ciência dos princípios desse executar de tarefas, passamos a ser os detentores do saber do processo. Possuidor de um estudo do trabalho a ser concretizado e conhecedor de seus princípios, passamos a ter o trabalhador de domínio epistêmico.

Temos que considerar as diferenças entre o trabalhador de domínio propedêutico e o de domínio epistêmico, enquanto que o primeiro é conhecedor dos princípios básicos do trabalho, o segundo, além desses princípios, deteve-se também em estudar os porquês da existência dos princípios. Esse é o trabalhador que detém os conhecimentos tecnológicos mais atualizados, já que isso só é possível de ser conseguido após uma profusão de estudos envolvendo o trabalho. Esse é o trabalhador que pode superar o seu mestre por estudar com profundidade as leis que regem o trabalho que executa. Portanto, um trabalhador capaz de ir além daqueles que o precederam.

O trabalhador cerâmico que se enquadrasse nessa dimensão compreenderia de forma mais ágil as problemáticas inerentes ao processo ceramista. Esse trabalhador teria adquirido a capacidade de realizar o seu trabalho de forma mais econômica, mais rápida e com menos danos a ele, à sociedade e ao ambiente, uma vez que desenvolveu um aprofundado estudo acerca do trabalho que executa.

O trabalhador de domínio maiêutico

Em grego, *maieutike* significa ‘arte de partejar’, ou seja, em sentido figurado, dar à luz. Sócrates, na antiga Grécia, desenvolveu um método, que foi chamado de maiêutico, baseado em uma série de perguntas que levariam a pessoa a descobrir conhecimentos que ela julgava não possuir, em outras palavras, conduzir-lhe-ia ao iluminado. Para nós, o trabalhador de domínio maiêutico possuiria a capacidade de descobertas, seria aquele em condições de propor revoluções em seu trabalho, seria capaz de achar o que ninguém havia encontrado antes.

Sermos sabedores da ciência que envolve o trabalho não nos faz, necessariamente, capazes de torná-lo melhor, ou seja, sermos capazes de modificar o trabalho conforme ele é, e

propor alterações que o remodelem satisfatoriamente em direção às melhorias na sua execução. O trabalhador de domínio epistêmico já seria um trabalhador que suficientemente atenderia às necessidades do trabalho conforme ele é. Porém, o trabalho não pode permanecer ‘sendo’, é necessário que evolua sempre, é preciso imaginar o trabalho no ‘como seria’. Para isso, o trabalhador teria que dispor da capacidade de inovar no trabalho, ou seja, teria que produzir eficiências por meio de processos novos e mais produtivos. Estaria, assim, estabelecido o último patamar de domínios do trabalho, em que estariam postas as bases para a formação do trabalhador de domínio maiêutico.

É somente nesse patamar que a criatividade para a melhoria das técnicas estaria em perspectiva. É esse o tipo de trabalhador que deveríamos buscar em todas as esferas da formação para o trabalho. O trabalhador de domínio maiêutico é capaz de se sentir estimulado a construir o seu próprio conhecimento em relação ao trabalho que executa, sendo apto a criar as perguntas que ele mesmo responderia, sendo hábil o suficiente para antever entraves e sendo ágil na superação de obstáculos. Em última análise, podemos dizer que o trabalhador de domínio maiêutico não seria apenas o cumpridor de tarefas, mas aquele que sabe das tarefas que se ocupa, capaz de uma exegese do processo anterior, durante e posterior ao seu implemento.

O quadro 1 mostra os diferentes domínios do trabalhador, as características desse domínio e o tipo de trabalho que o trabalhador detentor desse domínio seria capaz de executar.

Quadro 1: Os domínios, características e capacidade de desempenho do trabalhador

Domínios do trabalhador	Características do trabalhador	Tipo de trabalho capaz de executar
Apedêutico	- Senso comum - Ação espontânea na execução de tarefas	- Instintivo, ingênuo e primitivo
Propedêutico	- Possuidor de informações básicas e da capacidade de evitar erros - Adestramento para o processo de produção	- Automático, maquinal e ínsito
Praxissístico	- Experimentação e aquisição de conhecimentos durante a execução	- Periciado, vivenciado e treinado
Epistêmico	- Controle da tecnologia que envolve o trabalho - Conhecedor da ação de execução	- Especializado, prestigioso e superior
Maiêutico	- Plena capacidade inventiva - Originalidade na execução - Domínio completo do processo produtivo	- Reformista, inovador, engenhoso e empreendedor

Fonte: O autor

TRABALHO E SUAS CATEGORIAS DE PRODUÇÃO

Considerando o trabalho na perspectiva engelsiana e ainda seguindo por essa mesma *weltanschauung*², Saviani (1991), ao discutir a natureza do trabalho e da educação, amplia o alcance das ideias de Engels e propõe que, para produzir a existência humana, primeiro é necessário garantir materialmente sua subsistência, o que ele categorizou, à maneira de Karl Marx, como trabalho material. Porém, quando o homem pensa sobre o trabalho, ele também desenvolve trabalho, mas não produz bens, é aí que temos, segundo o autor, a outra categoria de trabalho que ele diz tratar-se do trabalho não material. Para nós, o trabalho material poderia ser

² Termo utilizado por Antônio Gramsci (1989, p. 94) para indicar “a visão de mundo”.

produzido pelo executor possuidor de qualquer um dos domínios, mas o trabalho não material, por exigir o pensar sobre, não poderia ser desempenhado de forma espontânea, de simples base introdutória, pelo senso comum ou apenas pelo treinamento assistido. O trabalho não material não poderia ser praticado por trabalhadores apedêuticos, propedêuticos ou praxissísticos. O trabalho não material de Saviani (1991) não só exige um executor detentor de sabedoria, mas que obrigatoriamente se encarregue de estudar o conhecimento já adquirido sobre esse trabalho, ou seja, obrigatoriamente deverá ser de domínio epistêmico ou maiêutico. Mas é importante afirmar que, no final de todo o modo de preparação para o trabalho, e principalmente para o trabalho não material, deveremos sempre objetivar a formação de trabalhadores de domínio maiêutico.

Se o trabalho material objetiva a produção de bens materiais, obviamente a ampliação das escalas de produção desses bens é, também, objetivo desse trabalho. O aumento na produção de bens exige saber como fazê-lo. Para que se saiba, necessitamos da reflexão sobre a prática, ou seja, é preciso que as etapas do processo sejam pensadas e que esse pensar possa ser representado e compreendido. Esse pensar sobre a execução do trabalho, que também é trabalho nesse caso, é o que temos como o trabalho não material a serviço do trabalho material.

Podemos afirmar que o objetivo do trabalho não material é prover o trabalho material de ferramentas e processos cada vez mais eficientes. Em última análise, podemos considerar que o trabalho não material também objetiva a produção de bens, uma vez que municia para isso o trabalho material, porém isso acontece de forma não direta. Como nossa investigação se atém às questões concernentes à formação de professores de química para a Educação Profissional, vamos nos dedicar mais profundamente ao trabalho não material.

As representações do trabalho não material

Para Saviani (1991), o trabalho não material possui três representações mentais que consideramos também fundamentais para a formação do trabalhador para qualquer trabalho. Essas representações de Saviani foram consideradas em nossa pesquisa, porém alertamos que esses três aspectos, oferecidos pelo autor, foram ampliados e dois outros aspectos foram introduzidos, modificando sensivelmente as inferências originais de Saviani, sem deixar de considerá-las como precursoras de nossa tese.

Os aspectos sugeridos por Saviani são a ciência do trabalho, em que são investigados o mundo real e suas propriedades; a arte do trabalho, em que são consideradas as suas simbologias próprias; e a ética do trabalho, em que estão contidos os aspectos que o valorizam. Aceitamos essas três representações em sua essência, ampliamos a arte do trabalho, ao considerarmos a sua semiótica, e acrescentamos outros dois aspectos, a inovação do trabalho, que propomos como meio de produzir melhorias nos processos, e a gestão do trabalho, que se encarregaria de toda a sua engenharia administrativa. Essas duas últimas representações a nosso ver são fundamentais para a formação do trabalhador que desejamos, ou seja, o trabalhador de domínio maiêutico. Todos esses aspectos, que daqui por diante trataremos como representações do trabalho não material, necessários para a formação do trabalhador de domínio maiêutico, serão discutidos a seguir.

A ciência do trabalho

O homem se arrosta com as forças da natureza também como uma força natural. O trabalho é um processo em que o homem age diretamente na natureza e que, por essa ação, tenta

controlar as forças naturais mediante o uso de suas próprias. Afinal, ele põe para agir as forças naturais que a ele são pertencentes, as forças de seu corpo e mente, de sua força e intelecto, objetivando diretamente apropriar-se de bens materiais e/ou de meios para a sua preservação. Mas qualquer que seja a ação em seu trabalho, ele antes de agir pensa no agir. A ação é precedida de uma reflexão. É exatamente aí que está a diferença entre o homem e as outras espécies animais, “[...] a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera (MARX, 1996a, p. 298).

Quando pensamos o trabalho a ser executado, mentalmente criamos formas para representar o que pensamos. Quando pensamos os processos do trabalho, estamos nos atendo à ciência desse trabalho. Os conhecimentos advindos dessa representação do trabalho necessitam de testagem e comprovação de eficácia para serem corretamente utilizados. A ciência do trabalho está fundamentada em leis naturais, é ampla e ao mesmo tempo específica, inclui seu histórico de andamento, é somativa em seus procedimentos, considera os erros como parte importante do processo e permite antever situações.

O trabalho a ser executado está, forçosamente, sob o monopólio de leis naturais, e conhecer essas leis nos tornará cada vez mais íntimos do trabalho que desempenhamos. Como essas leis estão postas, o trabalhador deverá ser multidimensionalmente instruído em sua aplicação, ou seja, formado pluralmente em diferentes perspectivas científicas. Leis físicas precisam ser consideradas independentemente do trabalho a ser executado, as relações matemáticas de diferentes ordens são essenciais a qualquer trabalho, por mais distante que possa parecer de sua aplicação, processos químicos, biológicos, geológicos e tantos outros sempre deverão ser considerados de importância capital sem questionamentos de prioridades ou relevância, uma vez que isso foge ao entendimento imediato.

Porém, o aprofundamento dessas leis não se faz necessário a todas as ordens de trabalho, nesse aspecto consideramos apenas o essencial. Mas nesse quesito não podemos deixar margem para interpretações duvidosas, não defendemos, em nenhuma hipótese, a supressão de conteúdos científicos na preparação do trabalhador, apenas consideramos que o essencial seja suficiente, não carregando o futuro executor do trabalho com obsoletas e desnecessárias ferramentas que jamais serão utilizadas.

Obviamente que o pleno domínio de todas as leis naturais não é possível a um único trabalhador, mas o oferecimento das fontes necessárias para se buscar todas essas leis é plenamente possível a todos, trabalhadores ou não. A definição daquilo que é essencial e daquilo que se julga desnecessário à preparação do trabalhador deverá ter como princípio o que é aplicável no trabalho a ser executado e não pode ser fruto da ação, mesmo que cheia de boas intenções, de poucos. Isso deverá ser produto de uma bem-acabada e democrática discussão, precedida de uma árdua investigação desenvolvida por atores experientes do trabalho em questão, bem como representantes das cinco dimensões do trabalho e seus pares em diferentes áreas do conhecimento humano, que se encarregarão de selecionar aquilo que é essencial e desconsiderar o casual. O que Demerval Saviani chamou de “clássico” e que considerou como um bom critério para seleção dos “elementos culturais que precisam ser assimilados” (SAVIANI, 1991 p. 21).

O trabalhador que será preparado para um determinado trabalho necessita possuir uma visão abrangente dos diferentes aspectos desse trabalho e, nesse caso, é a ciência do trabalho que promoverá essa amplitude de percepções. No desempenho de seu trabalho, o trabalhador poderá, por exemplo, necessitar de pré-requisitos científicos para a execução de uma determinada função em que a economia energética seja visada. Sendo conhecedor de leis que

regem os processos físicos e/ou químicos envolvidos, esse trabalhador poderá oferecer não apenas o simples desempenho das tarefas, mas também as possibilidades de melhoria do método a ser utilizado.

É esse pleno domínio de realização que consideramos ser a ciência do trabalho um fator que amplia as possibilidades na consumação de uma determinada tarefa. Mas a ciência do trabalho, ao mesmo tempo que é ampla nas possibilidades dadas ao executor, também o especializa nos aspectos específicos desse trabalho a ser efetivado. As técnicas necessárias à determinado trabalho não necessariamente são de uso em outro, ou seja, é de responsabilidade da ciência do trabalho municiar o trabalhador com o aporte teórico e técnico necessário ao seu desempenho, porém não se faz necessária, a todo trabalhador, a compreensão de todas as teorias e todas as técnicas de todos os diferentes tipos de trabalho.

Estamos nos atendo com cuidado nesse momento para não provocarmos interpretações equivocadas, como a que costuma ocorrer entre os críticos da Politecnia, por considerarem-na inaplicável devido à necessidade de domínio de todas as técnicas existentes, o que no mínimo é um posicionamento maldoso de alguns de seus críticos, que, ou não a entenderam ou se negam a entendê-la. Portanto defendemos a necessidade da Politecnia como princípio norteador do trabalho não material, porém alertamos para a devida compreensão de seus princípios.

A ciência do trabalho é que poderá nos manter conhecedores da sua construção ao longo da formação humana, e é nela que se assenta a historicidade do trabalho a ser executado, que é primordial de ser considerado, uma vez que traz as relevantes contribuições daqueles que primeiro pensaram esse trabalho. Conhecendo os princípios históricos da criação do trabalho a ser feito, o trabalhador passa a ter a possibilidade de visualizar os processos pelo ponto de vista de quem o desenvolveu, permitindo que possibilidades não pensadas anteriormente possam ser postas. “O desenvolvimento das contradições de uma forma histórica de produção é, no entanto, o único caminho histórico de sua dissolução e estruturação de uma nova” (MARX, 1996b. p. 116).

É justamente a construção histórica que permite corrigir processos, e isso possibilitaria o desenvolvimento de novas formas produtivas na e para a execução do trabalho a que se propõe. A ciência do trabalho nos permite aportes seguros da dinâmica do trabalho e nos credencia habilmente ao seu desempenho eficiente. Nesse aspecto do pensar sobre o trabalho é que se permite dizer ‘eu sei o que estou fazendo e sou bom no que faço’. A ciência do trabalho é a ferramenta que nos auxilia a compreender essas questões. Para isso, necessitamos de trabalhador com domínio da técnica, formado no seu uso e preparado para aprimorá-la, características de um trabalhador de domínio epistêmico.

É claro que, para a interpretação de eficiência na execução de um trabalho, *a priori* na visão de um leigo, excluir-se-ia a possibilidade de errar. Mas a aprendizagem efetiva, a formação do domínio epistêmico no trabalhador, caracterizar-se-ia na sua satisfatória compreensão dos erros atrelados ao trabalho. O erro é obrigação de estudo. Conhecer as possibilidades de erro nos prepararia para a melhor ação diante dele. Se o trabalhador for formado considerando os possíveis erros na prática do trabalho, ele estaria em melhor situação de apresto que aquele que não o fez. Os erros decorrentes da experiência são necessários para a sua compreensão e prevenção. É o que podemos considerar de erro positivo, aquele que nos é útil, pois o erro em si não é um mal; o reprovável seria o despreparo diante do erro.

Uma investigação do erro ajudaria a distinguir o seu caráter, e a retificação do erro leva ao aprimoramento de uma série de atividades desempenhadas no trabalho. Se analisarmos a historicidade de um processo eficiente, em geral, chegaríamos a um conjunto de erros retificados. O trabalhador que possui em seu repertório um acúmulo de erros tem melhor preparo que

aquele que ignora. Importante salientar que o acúmulo de erros, ao qual nos referimos, não significa o trabalhador que errou em profusão, mas aquele que conheceu perdulariamente os erros. É nesse ponto que a necessidade de formação do trabalhador com dimensão praxissística é evidenciada. É certo que o completo arbítrio da imprecisão nos permite realizar um trabalho sem desacertos, porém, uma prognose de falhas ignoradas somente se concretizaria quando da sua conversão em trabalhador de dimensão epistêmica.

O vaticínio de resultados é ponto importante em qualquer trabalho, uma vez que isso economizaria recursos financeiros dispendidos, otimizaria o tempo de desempenho, evitaria prejuízos sociais, dirimiria danos ambientais e otimizaria a ergonomia. A ciência do trabalho nos permite a aproximação desses pontos. É por meio da ciência do trabalho que o trabalhador: compreenderá as leis naturais que legislam em sua direção; será equipado com as ferramentas necessárias para alcançar toda a amplitude que seu trabalho permitir e ao mesmo tempo o especializará em sua ação; compreenderá a construção dos processos que ele desempenha; conseguirá perceber a necessidade de abandonar, criar ou somar sistemas na execução de seu trabalho; poderá ter contato com o erro antes mesmo do contato com o próprio trabalho; e poderá antecipar os resultados preconizando desajustes.

A arte do trabalho

Um trabalho possui representações específicas ou mesmo uma linguagem própria que, para melhor andamento desse trabalho, necessitamos dominar em todo os seus aspectos. É necessário sabermos a representação completa do processo, ou seja, os símbolos, seus signos, seus códigos e seus sons. Considerando isso tudo uma linguagem, necessitamos da sua filologia. Cada trabalho guarda, por meio de seus executores, uma representação própria e um vocabulário específico. Conhecer essa especificidade do trabalho a ser empreendido nos faz pertencente a própria ordem de obediência do trabalho. Um mesmo símbolo, usado em meio a trabalhos distintos, pode ter significados diferentes ou até mesmo opostos. Portanto, devemos nos familiarizar com os diferentes significados das possíveis representações gráficas, fonéticas, simbólicas e sonoras do trabalho a ser feito.

O trabalhador, em meio ao seu mundo do trabalho, deverá ser capaz de se comunicar e ser compreendido, deverá ser capaz de receber comunicados e de entender esses comunicados. Somente o domínio da língua pátria não credencia o trabalhador na execução segura de seu trabalho, uma vez que no palavreado do trabalhador está posta a linguagem do trabalho, que em alguns aspectos pode transpassar a sua língua pátria, e trabalhadores de países com diferentes línguas, por pertencerem ao mesmo mundo do trabalho, são até capazes de se comunicarem eficientemente.

Portanto, ampliando o aspecto de Saviani (1991) para a arte do trabalho, consideramos que além da simbologia, necessitamos ter pleno conhecimento da filologia e até mesmo, em alguns casos, da semiótica que envolve o trabalho a ser executado. A arte do trabalho permite a aproximação com o mundo do trabalho de forma a encurtar caminhos no desempenho desse trabalho. O trabalhador que em sua formação tem contato com esse aspecto do trabalho terá mais facilidade de se apropriar dos processos e estilos próprios do seu trabalho.

Quão mais rápida for a ambientação do trabalhador ao mundo do trabalho a que ele se propõe, mais eficientes serão os seus resultados. Com a arte do trabalho ele poderá ser capaz de desvendar os emaranhados específicos do sistema do trabalho ao qual se presta e, como consequência, se tornará mais rapidamente adaptado aos movimentos naturais da linguagem

apropriada por esse sistema. É importante que os símbolos utilizados para expressar uma determinada arte sejam completamente compreendidos por seus atores.

Dominar seus sinais, compreender o vocabulário próprio do seu trabalho, faz com que o trabalhador se aproprie de forma mais inteira do processo. A cultura envolvendo um trabalho é criada historicamente pelos seus executores por meio de registros escritos e de tradições. A compreensão global dos fenômenos culturais que envolvem o trabalho não é efetiva apenas com aprofundado estudo, uma vez que isso poderia ignorar costumes, sotaques, expressões faciais, hábitos e outros aspectos que os registros escritos desprezariam. Na arte do trabalho teríamos que considerar, também, a semiótica que envolveria todo o mundo próprio desse trabalho e, para satisfazer esse quesito, necessitamos de treinamento prático em local real de execução do trabalho.

É apenas com o trabalhador de domínio praxissístico que se pode iniciar os efetivos contatos com a arte do trabalho, por ser nesse tipo de domínio que o executor das tarefas, verdadeiramente, tem contato com o ambiente natural de seu trabalho. E é justamente esse ambiente que está impregnado da sabedoria própria do trabalho, é aqui que se constrói o trabalhador erudito da função que desempenha, é o momento em que a competência poderá começar a ser estabelecida, desde que se considere as possibilidades de ampliação do mundo do trabalho para esse trabalhador, permitindo ao trabalhador a superação da alienação e a concretização de suas ambições.

A ética do trabalho e da sua execução

No mecanismo natural, um homem é consumidor de uma quantidade determinada de meios que permitiriam sua existência, e o homem, com o tempo, é substituído por outro homem. Para que esse mecanismo transcorra, o homem necessita de artigos que supram as necessidades exigidas para o seu próprio sustento, assim como ele necessita de outra quantidade desses artigos para a manutenção de sua família, pois serão seus filhos que o substituirão no mundo do trabalho dando continuidade, assim, à descendência dos trabalhadores. O trabalhador deverá ser instruído sob essas perspectivas, como forma de compreender que o seu trabalho consiste na sua própria individualidade, ou seja, o trabalhador é sua força de trabalho e é essa força que ele vende.

E como qualquer outra mercadoria, o valor da força de trabalho é determinado pela quantidade de trabalho que se faz necessária para produzi-la (MARX, 1996^a). Se algo é vendido é porque existe alguém que compra. No caso do trabalho, a compra é efetuada por aquele que detém a capacidade de compra, ou seja, o patrão. A relação de forças entre essas duas classes é marcada pela exploração e por conflitos. O trabalhador deverá ser formado com a clara percepção dessas questões, e isso envolveria toda uma questão ética, própria de seu mundo do trabalho, que necessariamente deverá ser discutida e compreendida pelo trabalhador no momento de sua formação.

Dentro do sistema do salariado, o valor da força de trabalho se fixa como o de outra mercadoria qualquer; e, como distintas espécies de força de trabalho possuem distintos valores ou exigem para a sua produção distintas quantidades de trabalho, necessariamente têm que ter preços distintos no mercado de trabalho (MARX, 1996a p. 100).

A representação que melhor abarcaria essas questões seria a ética do trabalho. Um trabalhador que tem sua formação com discussões éticas que envolvem a construção de seu trabalho, tanto histórica como presente, compreende as possibilidades ainda não atingidas e os

atuais limites de seu trabalho. Isso poderia dirimir frustrações por conquistas não realizadas em consequência dos limites naturais impostos no andamento do trabalho, assim como impulsionar novas possibilidades de assenhoreamento em sua efetuação.

A ética na execução do trabalho envolveria valores internos e externos ao trabalhador. Os internos seriam de ordem pessoal, ligados a princípios morais familiares, filosóficos e de crenças que precisam ser considerados, porém não necessitariam de consenso social estabelecido. Os externos estão ligados aos resultados do trabalho obedienciado quanto: aos impactos ambientais no entorno da atividade; as consequências econômicas e sociais advindas da função; aos prejuízos na saúde da comunidade e do trabalhador; as questões de gênero no mundo do trabalho em andamento; as possibilidades de inclusão e ascensão social do trabalhador; aos deveres e as responsabilidades de cada ator do mundo do trabalho em questão. Esses pontos são importantes de serem considerados no momento da formação do trabalhador e permitiriam torná-lo mais cômico do trabalho que fará, e a ética do trabalho e da sua execução seria a representação apropriada para se promover esse descortino.

A inovação no trabalho

Na execução do trabalho são necessários processos que são criados para atender ações específicas de um determinado nicho do trabalho. Para que isso possa ser desenvolvido, além das ferramentas teóricas, necessitamos de testes práticos. Ao longo das ações desenvolvidas, etapas, caso se confirmem improdutivas, são abandonadas e novas acrescentadas. Essa especificidade da ação do trabalho moldou, historicamente, o próprio trabalho. É na construção de seus processos que o trabalho se constituiu, criando ou adaptando ferramentas, produzindo ou aperfeiçoando máquinas e testando novas forças motrizes. O trabalho está sempre em desenvolvimento enquanto está em andamento, os seus diversos procedimentos se somam em um constante aprimoramento. “A indústria moderna nunca encara nem trata a forma existente de um processo de produção como definitiva. Sua base técnica é, por isso, revolucionária, enquanto a de todos os modos de produção anteriores era essencialmente conservadora” (MARX, 1996^b p. 114 - 115).

A maquinaria desenvolvida ou aprimorada revoluciona continuamente os métodos com base na técnica produtiva. Não é a máquina que revoluciona, e sim o seu desenvolvimento. Não haveria mudança significativa de processos se não houvesse, em determinado tempo, a ação de trabalho, ou seja, a revolução ocorre por uma atividade humana desenvolvida para interferir naquilo que já era naturalmente feito, é a técnica utilizada que modificou a norma. O uso da técnica exige compreensão, testagem e comprovação de eficiência. Conhecer a técnica a ponto de identificar a necessidade de sua modificação faz com que o trabalhador compreenda o mundo próprio de seu trabalho para além da sua execução. Faz um trabalhador inovador.

Um trabalho que não se aprimora com o tempo, em que todas as etapas permanecem as mesmas e o processo produtivo se repete monotonamente, sem que ocorra algum incremento com o passar dos anos, está fadado à extinção. Na formação do trabalhador, devemos fazer aparecer as condições que empurrariam o trabalho em direção a esse estado, onde não haveria mais o desenvolvimento devido à estagnação criativa, para torná-lo crítico do processo, de forma a impulsioná-lo em direção a aperfeiçoamentos. Para Schumpeter (1997), as combinações mais eficientes dos fatores de produção, assim como a aplicação prática de alguma invenção, permitiria a produção de novos produtos, isso caracterizaria a inovação, porém não necessariamente a incorporaria nos processos.

Teoricamente ainda podemos distinguir como duas coisas diferentes a realização da inovação e o processo de sua incorporação. Mas se vê facilmente que faz uma considerável diferença na prática se ambos efetivamente ocorrem *uno actu*³ ou não (SCHUMPETER, 1997, p. 147).

É de se esperar que os trabalhadores levem adiante seus afazeres tão bem quanto podem. Seguramente, a execução de um trabalho não é realizada com perfeição ideal, mas, em última instância, a eficiência no desempenho é moldada por um conjunto de fatores que incluiriam, necessariamente, a capacidade do trabalhador em inovar os processos que utiliza. Essa inovação não poderia se limitar apenas na questão do lucro, que possui sua importância e não deve ser desconsiderado, porém deverá incluir questões mais abrangentes, como: eficiência para produzir economia energética; resultados de produção mais limpos, o que dirimiria impactos ao ambiente; menores riscos de execução para o decréscimo de acidentes; capacidade de gerir ferramentas incorporando as novas, adaptar as existentes e criando hodiernos instrumentos.

Se um trabalho e seu cumpridor não podem e nunca serão absolutamente perfeitos em qualquer sentido, conseguem, no entanto, aproximar-se de uma relativa perfeição, conforme o passar do tempo. Para isso é importante que novas possibilidades continuamente sejam oferecidas pelo mundo do trabalho, e que descobertas novas sejam continuamente acrescentadas ao estoque de conhecimento existente. A inovação como representação do trabalho exporia o ambiente necessário para se subverter o processo produtivo em direção a melhores eficiências. O trabalhador formado com essa preocupação poderia contribuir em demasia com o mundo de seu trabalho, possibilitando ganhos pessoais e coletivos que poderiam impactar em melhorias sociais. Esse trabalhador deverá ser formado tendo em vista a constante inovação de seu mundo do trabalho. Um trabalhador de visão crítica e inovadora se aproxima do trabalhador maiêutico que, em última instância, desejamos formar.

A gestão do trabalho a ser executado

Formar o trabalhador para um determinado trabalho deverá incluir, nos aspectos de sua formação, as questões que envolvem toda a engenharia administrativa do trabalho considerado. Nesse ponto se faz necessário que o trabalhador possa governar os processos, dirigindo negócios próprios ou públicos concernentes ao seu trabalho. A representação Gestão do Trabalho incluiria preparo para gerenciamento de ações do trabalho, controle de técnicas, logística de execução, condução de ações e outras possibilidades de administrar o trabalho.

É nessa representação que as questões legais envolvendo o trabalho deverão ser consideradas, como os regulamentos que o normatizam, as suas leis, estatutos, diretrizes e outros. No momento da formação para o trabalho, é necessário que aquele que está sendo formado tenha contato com as adversidades legais, possa ser familiarizado com possíveis embaraços administrativos, contratemplos e dilemas próprios da profissão, empecilhos e infortúnios decorrentes do mundo do trabalho para o qual ele está sendo preparado. Isso incluiria saber administrar o tempo dispendido para o trabalho, pois o homem, que se constitui através do trabalho, não se limita a ele. Existem outras questões humanas que são necessárias serem postas ao trabalhador, no momento de sua formação, que o auxiliariam na continuidade de sua existência. É necessário que o trabalhador seja ciente do quanto o trabalho que ele desenvolve interfere na manutenção de sua força de trabalho. Marx aponta esse tema quando discute a jornada de trabalho e suas consequências na saúde do trabalhador: “Quero gerir meu único

³ Ato contínuo.

patrimônio, a força de trabalho, como um administrador racional, parcimonioso, abstendo-me de qualquer desperdício tolo da mesma” (MARX, 1996a p. 348).

Nesse ponto o trabalhador deverá ser alertado das possíveis relações de conflito com os que detêm as condições de exploração. O trabalhador transforma movimento em trabalho, ele deverá fazer isso fluir diariamente. Portanto, deverá ser capaz de repetir amanhã o que desempenhou hoje com a mesma ou melhorada eficiência. Para que isso venha a êxito, suas condições de contentamento, saúde e motivação deverão ser satisfeitas. Ser sabedor disso torna o trabalhador atento às consequências que seu trabalho lhe produz isocronicamente.

É na gestão do trabalho que ao trabalhador deverão ser oferecidos os conhecimentos necessários para as suas possibilidades de organização como classe, bem como a importância dessa organização para a manutenção e ampliação de suas conquistas. Nessa representação, a hierarquização do trabalho para o qual está se formando deverá ser questionada, tanto no sentido de ampliação como para a necessidade de encurtar a distância entre o topo e a produção. Essa representação está relacionada com linhas estratégicas relativas à criação de práticas de característica politécnica no trabalhador, entendidas como as que visam a envolver o trabalhador num aspecto mais amplo de atividades diretamente relacionadas com a execução de seu trabalho.

No quadro 2, como forma de melhor descrever as ideias desenvolvidas até aqui, são mostradas as representações do trabalho que foram descritas, suas principais características e possíveis implicações.

Quadro 2: As características e implicações do trabalho

Representação	Características	Implicações
Ciência	· Leis naturais · Historicidade · Matematismo · Geopolítica e sociedade	· Permite previsões · Análise e investigações · Verificação e reconhecimento · Conhecimento
Arte	· Comando · Representação · Controle · Ascendência	· Capacidade de reprodução · Metáforas · Signo · Semiótica
Ética	· Normas · Princípios morais · Regras · Leis · Costumes	· Moralidade no trabalho · Honestidade · Integridade administrativa · Respeito à diversidade · Princípios ambientais
Inovação	· Modernidade · Incremento · Reestruturação · Hodiernidade · Criticidade	· Atualização tecnológica · Economia energética · Controle de custos · Preservação ambiental · Progresso sustentável
Gestão	· Poder · Gerenciamento · Empreendedorismo · Coordenação · Negociação	· Direção de negócios · Comando de bens públicos · Controle de ação particular · Exercício da responsabilidade · Engenharia administrativa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o trabalho é a transformação da natureza, a sua excessiva e acriteriosa transformação já se mostrou danosa, e nem sempre somos capazes de perceber essa questão em curto espaço de tempo. Esse, por si só, já é um motivo que faz o estudo íntimo sobre o trabalho uma necessidade. Esse aspecto, entendemos, seria satisfeito por meio da formação do trabalhador de domínio epistêmico. É esse o trabalhador, entre os anteriores, que melhor estaria capacitado em pensar os problemas e propor as soluções. Estaria paramentado com as melhores ferramentas para a atuação no trabalho a que se propõe, teria exímio desempenho e atuação primorosa na execução. Porém, isso estaria condicionado à conservação do método como se perfaz, pois seus estudos se limitariam aos processos em utilização, e as novidades exigiriam novos estudos ainda não efetivados.

O trabalho executado pelo trabalhador de domínio epistêmico seria perfeitamente adequado e suficiente se não existisse nesse trabalhador uma ineficiência intrínseca: a falta de exploração da habilidade para com a criação de novos meios de realização do trabalho. Um desempenho criativo, com capacidade de se fazer previsões e com inovação na execução de tarefas só seria atingido, em sua essência, com o trabalhador de domínio maiêutico. É por esse aspecto que o trabalho necessita cada vez mais ser pensado, ou seja, cada vez mais temos que ir além da práxis e desenvolver uma episteme que não seja simples academicismo, mas que seja criativa para a formação de uma maiêutica sobre esse trabalho. Dessa maneira permitiríamos, ao trabalhador formado nessa condição, empreender em suas condições de trabalho, ou seja, a possibilidade de assumir o protagonismo na ação.

Organizando todos os aspectos mostrados acima, temos: o trabalhador de domínio apedêutico, aquele que executa ações de trabalho de forma instintiva; o trabalhador de domínio propedêutico, possuidor das bases iniciais dos conhecimentos necessários à operação do trabalho; o trabalhador de domínio praxissístico, que desempenha o trabalho com as bases iniciais e com o repasse de conhecimentos advindos da própria prática; o trabalhador de domínio epistêmico, executor após estudos e conhecimentos apreendidos; e o trabalhador de domínio maiêutico, que seria fruto da infusão dos anteriores acrescido da ação criativa. O maiêutico é o trabalhador de caráter inovador e completo.

Considerarmos que o trabalho humaniza o homem, faz-nos entender que o trabalhador necessita ser formado com o propósito de humanização em toda a sua plenitude. Isso significa prepará-lo em direção ao pleno domínio de seu trabalho. Nesse caso, julgamos importante que o trabalhador seja formado referto de conhecimentos teóricos e práticos, assistido por competentes especialistas, estimulado na profusão de estudos relativos ao trabalho que desenvolverá e possuidor de espírito inovador, crítico e capaz do seu próprio gerenciamento.

Na formação para o trabalho recebemos o trabalhador de domínio apedêutico, oferecemos a esse trabalhador a formação propedêutica, necessária aos seus primeiros movimentos no trabalho, e o transformamos em trabalhador de dimensão praxissística. Paramos por aqui. Temos que ir além, precisamos avançar, temos que, no mínimo, formarmos trabalhadores de dimensão epistêmica, para almejarmos o trabalhador de dimensão maiêutica.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lia Queiroz do. Bipedalismo: solução para carregar crias, correlacionada com a redução de pelos. **Revista da Biologia**. v. 11. n. 1. 2013.

CHAVARRIA, Joaquim. **A Cerâmica**. Lisboa: Editorial Estampa, 2004.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. **Sobre as causas evolutivas da cognição humana**. 2009. 145 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2009.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. eBooksBrasil.com. Versão para pdf e eBooksLibris. 2005 Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/F_ANGELS.pdf> Acesso em 02/06/2018.

FARIA, Alexandre Geraldo Viana; RECENA, Maria Celina Piazza. Inserção da Educação Profissional nos Projetos Pedagógicos de Cursos de Licenciatura em Química nos Institutos Federais. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 20, p. 971-986, 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 8ª edição. Rio de Janeiro, RJ. Editora Civilização Brasileira. 1989.

MACRI, Maria Consolação Araújo; PISCIOTTA, Renato Matsui. Educação para o trabalho na sociedade do capital: a desumanização do homem. **Revista Interfaces**, ano 2, n. 2, Suzano. 2010.

MARX, Karl. **O Capital - Crítica da Economia Política**. v. 1, livro 1 - O Processo de Produção do Capital - parte 1 (capítulos I a XII). Ed. Nova Cultura Ltda. São Paulo. 1996^a.

_____. **O Capital: Crítica da Economia Política**. v. 1, livro 1 - O Processo de Produção do Capital - parte 2 (capítulos XIII a XXV). Ed. Nova Cultura Ltda. São Paulo. 1996^b.

MINHÓS, Tânia. Porque nos revemos nos outros primatas? A antropologia biológica elucidados. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 56, 2016.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Institutos federais uma revolução na educação profissional e tecnológica** Ed. Moderna, São Paulo, 2011.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica primeiras aproximações**. - 2ª edição, (Coleção polêmicas de nosso tempo; v. 40). São Paulo, SP: Cortez: Autores associados, 1991.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

Submetido em: abril de 2021

Aprovado em: julho de 2021